

SERTANEJAS E BARONESAS. AS DIVERSIDADES NA EDUCAÇÃO: MODELOS DE CONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Miridan Britto Falci

Universidade Severino Sombra, Departamento de História

E-mail: bmiridan@yahoo.com.br

RESUMO: Em qualquer sociedade podemos distinguir áreas e domínios com um certo grau de especificidade, mas se torna necessário fixar os limites entre as diferentes experiências e a existência de tradições. A educação das mulheres e consequente construção das relações de gênero acompanham paradigmas culturais marcados socialmente, no Brasil do século XIX, pelas distâncias, religião, identidades étnicas e ideologias políticas. Este artigo, a partir de documentação primária da Província do Piauí e do Rio de Janeiro, faz um paralelo entre a diversidade educacional de gênero da sociedade brasileira no Império escravocrata das fazendas de gado às de café.

Palavras-Chave: Baronesas; sertanejas; educação; gênero; café; gado.

ABSTRACT: In any society we can distinguish areas and domains with a degree of specificity, but it is necessary to define the limits between different experiments and the existence of traditions. The education of women and the consequent construction of gender relations accompanying cultural paradigms socially marked, in nineteenth-century Brazil, the distances, religion, ethnic identities and political ideologies. This article from primary documentation in the Province of Piaui and Rio de Janeiro parallels between the educational gender diversity of Brazilian society in the empire of slavery to the cattle farms of coffee.

Keywords: Baronesses, backcontry, education, gender, coffee, cattle.

Introdução

No primeiro ano após a proclamação da República, quando o Brasil lutava para se integrar na modernidade que se anunciava no mundo, muitas questões sociais explodiam no país.

Diverso e desigual sob o ponto de vista econômico e social, o Brasil apresentava uma vida urbana efervescente junto ao litoral com cidades que se erguiam com palacetes neoclássicos, bondes, teatros e passeio público a beira mar e, longe, nos sopés das montanhas e do vale do Paraíba estendiam-se extensos sertões com fazendas de café herdeiras do fausto da época imperial. Mais distante ainda, a vida transcorria em pequenas vilas rodeadas de muitos espaços desabitados cortados a esmo por estradas carroçáveis.

Enquanto Barões, Condes, Viscondes e seus descendentes alimentados pelos símbolos de uma monarquia única da América do Sul, passavam anos a fio na cidade-luz (Paris) dando a impressão de serem oriundos de um país rico e culturalmente homogêneo, uma classe média urbana com inúmeros imigrantes pobres e centenas de descendentes de ex-escravos, sertanejos pardos e negros desconheciam as “modernidades” que surgiam em todo o mundo.

Este trabalho é uma reflexão sobre a vida das mulheres e sua educação nesses espaços diversos e desiguais do Brasil pesquisando a educação das mulheres e a conseqüente construção das relações de gênero. Procuraremos mostrar como essa construção acompanhou paradigmas culturais marcados, no Brasil do século XIX, pelas realidades sociais, pelas distâncias, pelas identidades étnicas e pelas classes sociais.

Dentre os inúmeros espaços brasileiros focalizaremos dois que se opõem marcadamente. O espaço das Baronesas do café (cidade e Província do Rio de Janeiro) e o espaço das sertanejas (Província do Piauí)

Em 1872, no Piauí, assim termina o Testamento de Da. Maria Josefa Clementino de Sousa, filha do Visconde da Parnaíba:

É esse o meu Testamento e disposição de última vontade, pelo qual revogo qualquer outro que aparecer possa e desejo que tenha todo efeito e vigor, e foi escrito a meu mandado pelo primeiro Tabelião Público da Cidade de Oeiras – Salustiano de Holanda Bizerra Campos, que também assinou a meu rogo por eu não saber ler nem escrever.¹

¹ Testamento de Maria Josefa Clementino. Arquivo Público do Piauí. Teresina, Piauí.

Foi passado a 19 de outubro de 1872, no sítio Canto Alegre, terra da fazenda denominada Cana Vieira da Freguesia de Oeiras, Piauí.

Filha do Barão e Visconde da Parnaíba, primeiro presidente da Província, Manuel de Sousa Martins, viúva do major Clementino de Sousa Martins, seu primo, nascera nos finais do século XVIII (1796) e morreria aos 86 anos de idade, em Oeiras, expressando, em seu Testamento um fato tão comum do século XIX – o analfabetismo, principalmente das mulheres. Como este exemplo, dezenas de outros documentos, como cartas de alforrias de escravos, procuração para venda de bens e mesmo Contrato de Arras de Casamento foram feitos “a rogo!” porque a interessada não sabia ler ou escrever.²

Filha de Visconde, analfabeta no Piauí choca-se, em princípio, com o paradigma afirmado de que as Baronesas e Viscondessas aprendiam a ler e escrever, em casa, com professoras contratadas, francesas ou alemães de alto valor intelectual. A própria Princesa Isabel, herdeira do trono, teve como preceptora a Condessa de Barral, exemplo de mulher intelectual e rica.

Assim, como se daria a construção de modelos educacionais dentro de um Brasil diverso e desigual? Que diversidades marcaram os princípios da educação e do ensino?

Convém ressaltar que poucas meninos e meninas ricas, mesmo no sertão, tiveram a chance de ingressar no mundo da leitura e da escrita graças a esse modelo de aprendizagem. Enquanto as meninas seguiam as identidades femininas, tendo como guia uma mulher, mais velha, em geral solteira, aos meninos a educação era realizada ou por padres, formados em seminário na Itália que traziam os conhecimentos básicos de cultura geral, de aritmética, de filosofia, de latim, de grego e de francês ou por irmãos mais velhos ou tios formados na Universidade de Coimbra (Portugal).

E havia, além do ensino particular feito por preceptores escolhidos pelo seu conhecimento e saberes, o ensino público determinado por lei e vários regulamentos desde 1827. Todas as Províncias do Império iniciaram, por lei, a partir do segundo quartel do século XIX a instalação das chamadas Cadeiras do Ensino Público. Na prática, no entanto essa provisão era obstruída por falta de professores qualificados, pela falta de condições materiais de instalação dos cursos e até de interesse da própria população.

Embora não seja objetivo desse trabalho refletir sobre a história do ensino e da educação no Brasil e sim sobre dois espaços geográficos diversos,

2 Os Livros de Notas referentes aos anos de 1860 a 1875, do Cartório do 10º Ofício de Oeiras estão cheios de documentos em que se pede ao escrivão Salustiano de Holanda Bezerra Campos para que assine “ pelo interessado” por “ não saber ler nem escrever”.

compreendemos que a individualização da criança, como nos diz Gélis³, passava por um processo também diverso e desigual.

Na primeira infância haveria aprendizagem do espaço da casa, das redondezas, aprendizagem do brinquedo, da relação com as outras crianças, aprendizagem das técnicas do corpo, aprendizagem das regras de participação na comunidade local. Aos mais ricos lhes seriam impostos os usos da civilidade – como comer a mesa, como lavar-se, como ler, como rezar, usos baseados no manual de Erasmo, “A Civilidade Pueril”, de 1530 que, na verdade, constavam dos tratados de educação presentes em Aristóteles, em Cícero e Plutarco.

Segundo os cânones ideais da época, cabiam às crianças nobres ou burguesas, já retratadas por Ariès⁴, Flandrin, Gélis e Jaquel Revel um papel de comando e organização na sociedade e assim deveriam receber educação e instrução iguais e compatíveis com os ideais da sua categoria social. Bem diversos seriam os objetivos educativos das crianças pobres, órfãos ou camponeses, a quem os objetivos do ensino estavam atreladas a um desempenho do trabalho.

A partir dos sete ou oito anos os meninos iam com o pai aos campos ou oficina e as meninas ficavam com as mães. “Havia nisso uma forma de educação em comum, um conjunto de influências que faziam de cada ser um produto da coletividade e que preparavam cada indivíduo para o papel que se esperava”, acrescenta Gélis. A partir dessa idade, quando o raciocínio se forma, os ideais do ensino e aprendizagem se alteravam ainda mais: além das diferenças de classe social se impunham a diferença de sexos. Ensinava-se então a ler, escrever, somar.

O aprender a ler e escrever foi um ideal perseguido por muitos quando perceberam a dependência a que se viam atrelados a outros na elaboração de seus documentos mais íntimos e pessoais.

No entanto, embora o saber ler tivesse sido um ideal a ser atingido no século XIX, poucas pessoas souberam ler e escrever, mesmo entre as categorias mais abastadas da sociedade.

Aprender a ler e escrever foi muito difícil e somente a imposição do ensino primário gratuito, viria, já no século XX, a ampliar o número dos alfabetizados. Mesmo na França, somente em 1880 a instrução primária se

3 GÉLIS, Jacques. A individualização da criança, in *História da Vida Privada, III*. São Paulo: Companhia das Letras, PP 311-329.

4 ARIÉS, Philippe, *História Social da Criança e da Família*, 1ª e 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981; FLANDRIN, Jean Louis. *Familles – Parenté, Maison, sexualité dans l’ancienne société*. 2ª. Edição. Paris: Seuil, 1984; GÉLIS, Jacques. *L’arbre et Le fruit*. Paris: Fayart, 1984; REVEL, Jacques. Os usos da Civilidade, in *História da Vida Privada, 3*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 170 - 209

tornou obrigatória e gratuita, como nos diz Eugen Weber em sua *França fin-de-siècle*.⁵⁶

Assim a construção de gênero a que nos propomos a examinar já marcavam os ideais da educação diferentemente entre meninos e meninas, ricos e pobres, senhores e ex-escravos.

Os princípios da educação recebiam a influência da França, país aceito como o protótipo da civilização ocidental, supremo nas artes e ciências, principalmente após as grandes transformações que marcaram a Revolução Francesa e estavam embrenhados nos princípios de igualdade, fraternidade e liberdade.

A cultura brasileira aceitava a França como modelo para a jovem nação em relação a vida pública e privada e nesse modelo se endossava o conceito de esferas separadas: o destino dos homens era trabalhar e participar nos negócios públicos: o lugar das mulheres era a organização da casa e cuidar das crianças. Manuais de etiqueta francesa ponderavam sobre o comportamento imposto às moças que não deveriam sair desacompanhadas, que deviam permanecer em ignorância das coisas do mundo e tratadas como *ornamento*.

E da leitura dos Relatórios de Presidentes de Província observa-se como o ideal da instrução e educação foi conduzido pelo Estado monárquico e pelo governo provincial. Nada mais era do que um projeto civilizatório de um século que se laicizava e onde o saber se afastava dos cânones da Igreja Católica.

Wehling, Arno e Maria José (1988), confirmam os baixos dados de percentual de alfabetização por províncias, no Brasil. Segundo esses autores o percentual era baixíssimo, basta dizer que dez províncias, em 1872, tinham entre 10 a 14,9% de alfabetizados⁷.

Na mesma época, na Itália e Espanha a taxa de analfabetos por adultos estava entre 75% e 80% e na França entre 40% e 45% .

Mas quais seriam as diversidades do grau de educação dentro do Brasil? Devemos, por objetivo desse trabalho, relativizar e pesquisar a diversidade do grau de educação dentro do Brasil nos finais do século XIX e inícios do XX.

5 WEHLING, Arno e Maria José em *Alfabetização no Brasil – 1872-1920: aceleração, diferenças regionais, paralelos*, in *Anais da VII Reunião da SBPH*, São Paulo, 1988, PP 147-153 confirmam os dados de percentual de alfabetização por províncias mostrando que 10 províncias, em 1872, tinham entre 10 e 14,9 % de alfabetizados. Mostram os autores que a Itália e a Espanha tinham uma taxa de analfabetos por adultos entre 75 % a 80% e na França, entre os 40 e 45%.

6 WEBER Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p 101

7 WEHLING. Arno e Maria José. *Alfabetização no Brasil- 1872-1920: aceleração, diferenças regionais, paralelo*. *ANAIIS da VII Reunião da SBPH*, São Paulo, 1988, PP 147-153

Ensino das Sertanejas

A implantação de escolas no Piauí se deu por meio de um processo lento com avanços e também retrocessos. Segundo Amparo Ferro (1996, p. 58)⁸ os principais entraves para o desenvolvimento da educação formal no Piauí foram o desinteresse da população, constituída por vaqueiros e homens do campo, a dificuldade de se encontrar pessoas com conhecimentos mínimos para o exercício da profissão e a falta de estímulo salarial.⁹

Assim nas regiões desse sertão o ensino das primeiras letras foi feito, em geral, em casa, ou por padres, por pais, irmãos mais velhos e formados na Faculdade do Recife, ou por tias, e foram anotados em vários livros de memórias no nordeste.

Muitos desses mestres foram enaltecidos por sua capacidade de trabalho e ensino e ficaram conhecidos no sertão. É o caso do padre Marcos de Araujo Costa, descrito por George Gardner, em sua passagem pelo Piauí e dos padres Thomaz de Moraes Rego e do padre Rolim, de Cajazeiras, na Paraíba. Célebre pelo rigor do seu ensino, meninos de todo o Nordeste eram mandados para o padre Rolim aprender latim, a base da cultura clássica¹⁰

Sobre o padre Marcos de Araujo Costa dizia o escocês George Gardner em sua Viagem ao interior do Brasil, ao passar pela região e termo de Oeiras, em 1836:

Como os meios de educação só estão ao alcance de muito pouca gente neste vasto país de escassa população, tem o padre Marcos de Araujo Costa mantido por muitos anos o hábito de sustentar e educar em casa, livres de despesa, vinte meninos, até que adquirem sofrível conhecimento de latim e elementos de Filosofia e Matemática. Ele proprio é um excelente erudito e possui uma vasta biblioteca de clássicos e filósofos, de Botânica e História Natural. Entre os seus livros encontrei quase todas as obras de Lineu, as de Brotero e uma de Vandelli, muito rara, sobre as plantas de Portugal e do Brasil, obra que depois me presenteou bondosamente.¹¹

Higino Cunha, fundador da Academia Piauiense de Letras, homem culto, maçom e grande pensador, e que nascera em 1858, falou sobre o seu aprendizado de primeiras letras:

8 FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e sociedade no Piauí republicano*. Teresina,: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

9 REIS, Amada de Campos. História e Memória da educação em Oeiras. *Piauí. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Piauí., 2007.*

10 Ver Dissertação de mestrado de Amada de Campos Reis. *O Ensino em Oeiras no Piauí*. UFPI, 2007.

11 GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Juiz de Fora. Livraria Itatiaia Editora Ltda, 1975.

era costume do tempo admitir nas escolas particulares alunos provindos de outras fazendas vizinhas e amigas. Estudei primeiras letras na casa paterna, tendo como professores meus irmãos mais velhos – Sátiro, Loreno e Luiz, alternadamente. Ainda se usava palmatória embora empregada moderadamente.¹²

O ensino das primeiras letras às meninas era também diferenciado: as sertanejas ricas aprenderam cedo a ler e escrever e algumas se revoltaram com o fato, como nos conta Amélia de Freitas Beviláqua, piauiense, esposa do jurisconsulto Clovis Bevilacqua, e filha do desembargador Manoel de Freitas:

Amélia diria:

a escola foi para mim uma prisão, as minhas alegrias de criança empalideceram no momento em que entrei no colégio... eu procurava compreender a razão porque, violentamente, me arrancaram a liberdade.¹³

Escola dura, violenta, que tinha o professor de *pince-nez*, de colete, posudo e altivo, como nos dizia Amélia de Freitas Beviláqua, da palmatória, da taboada decorada sem compreensão, e, principalmente, de falta de espaço, de limitação, de prisão.

Escola diferente daquela do século XX, onde as concepções sobre o desenvolvimento psíquico-motor produziram métodos aceitos com satisfação pelas crianças. Não é a toa que tão poucos, até o fim do século, souberam ler e escrever.

Em 1872, no Piauí, segundo o Censo do Império, mais de 32 mil crianças entre 6 e 15 anos não frequentavam escolas. Esse privilégio só era atingido por 2.801 crianças – todas de condição livre. E entre os adultos apenas pouco mais de 15% da população era alfabetizada. Analfabetos eram, então, 85% da população entre livres e escravos (somente seis escravos homens sabiam ler) e o conjunto dos analfabetos chegava a 174.446 indivíduos

Em sua fala, em 1889, dizia o presidente da Província do Piauí, Dr. Raimundo José Vieira da Silva:

é na instrução primária... (onde está a maior importância) pois ela é que habitua os meninos à disciplina da sociedade dos seus iguais, acostumando-se ao trabalho... e dando às diversas classes da sociedade um órgão, uma faculdade julgada indispensável no estado atual da civilização.¹⁴

12 CUNHA, Higino. *Memórias* (Traços autobiográficos). Teresina: Imprensa Oficial, 1940.

13 BEVILAQUA, Amélia de Freitas. *Alma Universal*. Rio de Janeiro, 1938, PP 209-226 ; 227-265.

14 Fala que o Sr. Presidente da Província do Piauí apresentou à Assembléia Legislativa em 1889. Biblioteca Nacional do

No século XIX, a educação é encarada como forma de regeneração da sociedade como um todo, em especial contra o perigo da pobreza, da viciação e da imoralidade, e o combate à ociosidade: “a educação moral, civil e religiosa é a única base para sustentar o edifício social.”¹⁵

Ensino das Baronesas e das meninas ricas

A maioria das meninas ricas do vale do Paraíba ou da capital federal receberam um ensinamento intenso, desagradável e ríspido.

O programa de educação da Princesa Isabel era de nove horas e meia de aulas por dia. Estudava línguas: latim, francês, inglês, alemão. História portuguesa, francesa e inglesa. Literatura portuguesa e francesa, geografia e geologia, astronomia, química, física, geometria e aritmética. E mais desenho, piano e dança. Aos 17 anos lhe foi acrescentado italiano, a história da filosofia, economia, política e grego.

Isabel, queixou-se ao pai, já que não era atraída por ideias abstratas: “o que devemos ler em vez de economia política”, ele respondeu: “leia física ou química”.

Alguns livros e jornais femininos começaram a surgir. Jornais femininos como *O Espelho Diamantino*, *O Jornal das Senhoras*, *o Sexo Feminino* e *A semana familiar* surgiram nessa época, mas às mulheres era vedado o acesso à Academia Brasileira de Letras, local somente de intelectuais do gênero masculino.. Mulheres só entrariam muito mais tarde, na década de 1930 do século XX.¹⁶

Muitas professoras eram contratadas para “morarem em casas de família respeitável”, como diz o anúncio do *Jornal do Commercio* de janeiro de 1890. Elas deveriam ensinar às meninas que moravam nas extensas famílias compostas de muitos irmãos, irmãs, avós, primos, empregadas, cocheiros, padres, em palacetes nas ruas Conde de Bonfim ou Barão de Mesquita, na Tijuca, ou nos arredores do Catete e início das Laranjeiras.

Embora alguns preconceitos que norteavam a construção de gênero aconselhavam que as mulheres deveriam aprender em casa com professoras

Rio de Janeiro. Microfilmado. Ver também KNOX, Miridan Britto. *O Piauí na Primeira Metade do Século XIX*. Teresina: Comepi, 1986.

15 Fala do Sr. Presidente da Província do Piauí, op. cit.; RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas* faz o relato de uma sertaneja que, juntamente com o marido, em seu quarto usando pedrinhas sabia calcular o custo de uma compra ou de um trabalho empreitado pelo capataz.

16 Uma grande celeuma verificou-se por ocasião da candidatura de Amélia de Freitas Bevilaqua na década de 1930 à ABL.

francesas, inglesas ou alemães (depoimento de Olivia Queiroz, 97 anos) e desaconselhavam que as meninas fossem para escola, muito colégios surgiram na cidade do Rio de Janeiro, espalhando-se pelos ricos bairros da Tijuca, Laranjeiras, Catete, ou mesmo no centro da cidade. Alguns eram só para meninos, outros mistos e outros com ensino só para meninas.

O *Jornal do Commercio*, de janeiro de 1890 nos assinala mais de 20 escolas abrindo matrículas em 15 de janeiro daquele ano.

Distinguimos os educandários só para meninas no Rio:

O Colégio Leusinger Masset, localizado na rua do Catete, número 108, com instrução primária e secundária para meninas, O colégio Brasileiro Alemão, rua das Laranjeiras, 15 com internato e externato, o colégio Francês para meninas dirigido por Mme Vannier, na rua visconde de Maranguape 37, colégio de São José para meninas, na rua do Matoso 5, colégio N. Sra do Carmo para meninas, na rua de Santo Amaro 7, o Externato Particular para meninas na rua da Imperatriz 136 e que aceitava meninos até os 8 anos e com mensalidade de 58 mil réis.

Nessas escolas, após o ensino das primeiras letras e após os oito ou nove anos eram ensinados português, francês, aritmética, geografia, história, piano e trabalhos de agulha.

Já na virada do século, estudar em colégios de religiosas foi um objetivo das camadas mais ricas da sociedade. Um exemplo dessa construção foi a instalação do Colégio Sion. As primeiras religiosas de Sion chegaram ao Brasil em outubro de 1888 e logo fundaram um Colégio feminino no Rio de Janeiro, transferindo-se, em seguida, para Petrópolis. Em 1908, retornaram ao Rio de Janeiro e se estabeleceram à rua São Salvador. O Colégio começou com dez alunas, mas, em 1912, o prédio do bairro do Flamengo já era suficiente para acomodar o número crescente de estudantes.

Várias Baronesas após receberem as bases de uma cultura Européia passaram a morar fora do Brasil, como a sinhazinha Eufrasia Teixeira Leite, neta dos Barões de Itambé e do Campo Belo e sobrinha dos Barões de Vassouras e do Tinguá da província do Rio de Janeiro. Partindo para Paris em 1873, com 23 anos, ficando noiva de Joaquim Nabuco por 13 anos só retornaria ao Brasil em 1886 para observar e cuidar da sua casa da Hera e da biblioteca que mantinha em Vassouras.

Como nesse trabalho objetivamos verificar o inusitado, ou o específico, trazemos para reflexão o caso de uma baronesa do café que era analfabeta. E procuraremos refletir sobre essa informação.

Assim como no Piauí, o analfabetismo existiu entre as ricas fazendeiras do café, embora com menor percentual.

Em 2009, festejou-se em Resende o bicentenário de nascimento de Maria Benedita Gonçalves Martins. Filha do comendador Manoel Gonçalves, proprietária das fazendas da Serra, Penedo, Cachoeira, Tanque, Babilônia (situada na Boca do Leão) e a Fazenda Velha, Maria Benedita chegou a ter uma produção de 35 mil arrobas de café por ano. Bonita e elegante chegava ao palacete da Praça da Matriz, na cidade, vinda da sua Babilônia, numa liteira. Benedita era analfabeta.

Era analfabeta, mas a organização de suas fazendas e o seu estilo de vida é recontado pelos historiadores com documentação do Arquivo Histórico de Resende.¹⁷

Fazendeira e produtora de café, e no entanto denominada de analfabeta, nos leva à reflexão de indagarmos: o que seria ter educação?

Propomos como artifício de interpretação e comparações com outras pessoas do século XX que, mesmo analfabetas chegaram a ter grandes fortunas, que a vida cotidiana de uma fazendeira, não precisava de muitos conhecimentos. Desde que ela anotasse alguns números, somasse ou subtraísse, não se precisava de mais nada. Pela observação, pela dinâmica da vida, pela capacidade de julgar ela percebia valores, por exemplo o que iria ganhar com a venda do café por um preço x e quanto chegaria a perder por um preço y. Cartas, confidências, prosa, certamente ela não sabia fazer.

Ensino das meninas pobres e das escravas

Viajantes como Saint Hilaire, Spix e Martius e outros aludem a importância do ensino que muitas senhoras baronesas proprietárias de extensas fazendas propiciavam às suas escravas: ensinavam a bordar e a fazer rendas, além dos rudimentos de música como tocar flauta, ou cantar. Em muitas fazendas organizavam-se bandas de músicas de escravos e escravas.

Mas aos escravos não se ensinava a ler como se lê num anúncio de fuga: “fugiu o escravo Joaquim, pardo, que conhece algum ofício e é metido a saber ler para se passar por forro mas a escravo não se ensina a ler”.¹⁸

17 Ver artigo *1809-2009 Bicentenário da Rainha do Café*, por Claudionor Rosa, diretor do Arquivo Histórico de Resende, in *Cidades do Rio, Resende 208 anos, Resende: prefeitura de Resende, ano 01-n.01/set 09, pp.12-13*.

18 Anuncio do Jornal do Comércio novembro de 1848

Com os objetivos educacionais de regeneração da sociedade, afastamento do ócio e estímulo à moralidade, criaram-se também pelo Brasil colégios destinados as meninas pobres e desvalidas.

Na Província do Rio de Janeiro, em Petrópolis, existia o Asilo e Colégio Santa Isabel, que recebia alunas pensionistas e órfãos e desvalidas, e a Escola Doméstica de Nossa Senhora do Amparo destinada, especificamente, ao abrigo das meninas pobres e expostas ao desamparo, que eram instruídas para os serviços domésticos (criadas) e as funções de professoras (preceptoras).

O Asilo Santa Isabel foi fundado em 1870 pelo Pe. Nicolau Germain, ex-vigário da Freguesia de São Pedro de Alcântara, em Petrópolis. O Colégio de Santa Isabel, anexo das meninas contribuintes, foi criado em 1877, com a finalidade de manutenção econômica do asilo.

A Escola Doméstica foi fundada em 1868 pelo Pe. João Francisco de Siqueira Andrade, destinado à educação das meninas desvalidas sem distinção de classe, origem e cor.

A instrução das educandas pobres consistia em doutrina cristã, ler e escrever a língua nacional e as quatro operações da aritmética, história sagrada, música de cantos, trabalhos de agulhas, costura, bordados, flores, calçados, chapéus, além de cozinhar, lavar e engomar, serviços de confeitaria, conhecimento prático de horticultura e jardinagem e práticas de enfermagem¹⁹.

Eufrásia Teixeira Leite, acima citada, que nasceu em Vassouras, e estudou em colégio particular dirigido por uma francesa, fez parte do grupo de senhoras que investiram em obras de benemerência no final do século XIX. Ao morrer, preocupada com a educação das jovens pobres deixou sua fortuna para a criação de um colégio que abrigasse 50 órfãs pobres dando-se-lhes ensino, alimentação e vestuário. O mesmo foi determinado para os jovens pobres, normas seguidas por seu inventariante Raul Fernandes que construiu o Instituto Joaquim Teixeira Leite para meninas e outro para meninos, educandários que deram origem hoje à Universidade Severino Sombra e ao Senai naquela cidade.

À guisa de conclusões

Este trabalho procura fazer uma percepção de como a construção de gênero se diferenciou no Brasil, tendo como base os princípios da educação.

19 Anuário do Museu Imperial. Edição Comemorativa, Petrópolis: 1995.

Sertanejas e Baronesas são dois universos abstratos construídos por nós para exemplificar como o ensino e a educação marcaram espaços, tradições, diferenças sociais e de sexo, dentro do Brasil no século XIX.

Referências

Fontes Primárias

Arquivo Público do Piauí: Testamento de Maria Josefa Clementino.

Cartório do 10º Ofício de Notas de Oeiras, Estado do Piauí, Livros de Notas de 1860 a 1875.

Fala do Senhor Presidente da Província do Piauhy, Assembléia Legislativa do Piauhy, 1889, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Microfilmado.

Jornal do Comércio, Anúncio, novembro de 1848.

Artigos, Capítulos de Livros, Livros

ARIÉS, Philippe, *História Social da Criança e da Família*, 1ª e 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BEVILAQUA, Amélia de Freitas. *Alma Universal*. Rio de Janeiro, 1938;

CUNHA, Higino. *Memórias (Traços autobiográficos)*. Teresina: Imprensa Oficial, 1940.

FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e Sociedade no Piauí Republicano*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FLANDRIN, Jean Louis. *Familles – Parenté, Maison, sexualité dans l'ancienne société*. 2. Ed., Paris: Seuil, 1984.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Juiz de Fora: Itatiaia 1975.

GÉLIS, Jacques. *L'arbre et Le fruit*. Paris: Fayart, 1984.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança, in *História da Vida Privada, III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

KNOX, Miridan Britto. *O Piauí na Primeira Metade do Século XIX*. Teresina: Comepi, 1986.

MUSEU IMPERIAL, Anuário do Museu Imperial. Edição Comemorativa, Petrópolis, 1995.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*, Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1938.

ROSA, Claudionor. *1809-2009 Bicentenário da Rainha do Café*, in *Cidades do Rio, Resende 208 anos*, Resende, Prefeitura Municipal de Resende, Arquivo Histórico de Resende, 2009.

REIS, Amada de Campos. *História e Memória da educação em Oeiras*, Piauí. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Piauí, 2007.

REVEL, Jacques. Os usos da Civilidade, in *História da Vida Privada*, 3. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 170 - 209

WEHLING, Arno e Maria José em Alfabetização no Brasil – 1872-1920: aceleração, diferenças regionais, paralelos, in *Anais da VII Reunião da SBPH*, São Paulo, 1988, pp. 147-153.

WEBER Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.